

Anísio Teixeira leitor de Lobato: implicações da experiência estética da literatura infantil para uma filosofia da educação

Anísio Teixeira reader's Lobato: implications of the aesthetic experience of infantile literature for a philosophy of the education

Luciana Aparecida NUNES¹

RESUMO: este artigo faz uma breve análise da filosofia da educação de Anísio Teixeira, e sua aproximação com a literatura infantil lobatiana, destacando o conceito de experiência embutido em ambas. A filosofia para criança sugere um campo alternativo de se fazer filosofia, no qual se privilegia a abordagem filosófica que traz a criança como núcleo de investigação, buscando analisar as possibilidades, os limites e o alcance do saber filosófico nessa fase particular da experiência humana. Constatou-se que alguns livros de Lobato parecem suscitar essa experiência com a infância, no sentido de estimular seus leitores a pensar o tempo presente, com todas as mudanças que o caracterizam, bem como os problemas dela decorrentes, levando-os a uma aprendizagem do filosofar.

PALAVRAS-CHAVES: literatura infantil, filosofia da educação, experiência.

INTRODUÇÃO

Em uma carta escrita em 1937 e endereçada ao amigo Monteiro Lobato, Anísio Teixeira (apud NUNES, 2001, p. 241) revela o seu entusiasmo pela literatura infantil desse autor:

Dentro de meses saem seus novos livros, os de ciência...É o mundo sem fantasmas, que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, o trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você possa imaginar. Quando o vejo a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha ao nosso invertebrado Brasil econômico e com seus livros a arejar a inteligência ao menino brasileiro que vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a "componente nova" do Euclides.

A literatura infantil de Lobato era assim recebida por Anísio Teixeira. Embora não tivesse escrito nenhum artigo sobre literatura infantil, é possível dizer que Anísio Teixeira considera aquela produzida por Lobato como portadora de um sentido filosófico e educativo com quem a sua filosofia da educação

¹ Mestranda em Educação/Unesp-Marília.

poderia aprender. Afinal, ele via nela, particularmente nos livros de Lobato voltados a uma tradução das ciências e da filosofia para o mundo infantil, a obra de um visionário, de alguém que, sem ser filósofo, como Bacon, empenhava-se na destruição dos ídolos e dos mitos, reinventando praticamente a realidade brasileira, como antes o fizera Euclides da Cunha. Ele percebia na narrativa desenvolvida pela literatura infantil de Lobato uma hipótese prospectiva em relação a nossa vida social e humana, semelhante àquela propagada pela filosofia que defendia, o pragmatismo de John Dewey. Afinal, essa filosofia admitiria a arte como instrumento de reconstrução da cultura e da educação, vendo na literatura um meio tornar mais rica e mais bela a experiência das crianças com o mundo, mobilizando as forças que envolveriam uma nova atitude frente à vida e os pensamentos que, reflexivamente, criariam os novos valores estéticos e morais a reorientar a conduta humana.

A literatura infantil de Lobato poderia ser compreendida por Anísio Teixeira, de um lado, como um recurso pedagógico e como portadora de um sentido educativo, que corresponderia às mudanças esperadas pela filosofia da educação inspirada no pragmatismo deweyano. De outro lado, em função dos embates produzidos em nossa realidade, ela poderia auxiliar a filosofia da educação a aprender como penetrar no universo infantil, mobilizando as disposições necessárias para reconstruir o significado das experiências das crianças com o mundo, reformulando os valores adquiridos em sua experiência passada e perspectivando uma vida futura mais rica e mais bela. Embora seja difícil saber em que medida essa concepção de filosofia da educação, defendida por Anísio Teixeira, foi modificada pela literatura infantil de Lobato, pode-se dizer que, entre o prefácio ao livro *Vida e Educação*, de John Dewey, publicado em 1930,² quando resume os princípios gerais da pedagogia desse filósofo norte-americano, e o livro *Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação*, publicado em 1934,³ nota-se uma pequena nuance em relação ao tratamento dado às noções de experiência humana e de educação. É justamente essa nuance que pretendemos explicitar neste artigo, indicando uma eventual inflexão na filosofia da educação de Anísio Teixeira, a partir da leitura que esse autor desenvolve da literatura infantil de Monteiro Lobato.

² Estamos utilizando a última edição desse prefácio, publicada em 1980, no livro sobre Dewey da Coleção *Os pensadores*.

³ Em 1967, o título do livro foi mudado para *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*, em virtude da discordância de Anísio Teixeira dos rumos da educação progressiva. Estamos utilizando aqui a última edição desse livro, publicada em 2000, comemorativa ao centenário de Anísio Teixeira.

UMA POSSÍVEL AMPLIAÇÃO DA NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA

No prefácio introdutório à pedagogia de Dewey, Anísio Teixeira (1980, p. 113-4) diz que o que haveria de fundamental no conceito deweyano de experiência “é a sua identificação com a natureza”. No plano filosófico, esse ponto de vista teria se contraposto ao dualismo entre *experiência* e natureza, instaurado pelas correntes *racionalistas* da filosofia, que haviam concebido aquela como mero instrumento de análise desta e como sendo “transitória”, “passageira”, “pessoal”, “contra a realidade permanente do mundo exterior”. Em contrapartida, do ponto de vista de Dewey, a *experiência* seria “um modo de existência da natureza”; por essa razão, ela seria algo “tão real quanto tudo que é real”. Com tais argumentos, Anísio Teixeira reforça a opinião de que Dewey teria promovido uma ruptura com o racionalismo e com o intelectualismo que marcaram a tradição filosófica, justamente por conceber *experiência* como algo não alheio à natureza, mas sim como parte dela.

Por tal conceito central da filosofia de Dewey, conforme Anísio Teixeira (1980, p. 115), seria possível “ver que a *experiência* não é, em si mesma, cognitiva, mas que pode ganhar esse atributo, que será tão real e orgânico quanto qualquer dos outros que já possui”. Não sendo primariamente cognitiva, a *experiência* poderia ser puramente orgânica, sem que se percebesse e se convertesse em aquisição de conhecimento, ou seja, em pura consciência. Todavia, ela também poderia se converter em cognição, na medida em que, sendo percebida e refletida, chegaria ao conhecimento e à consciência humana, desde de que fizesse parte do anseio e, principalmente, tivesse um significado para aquele que a representa. Esse seria o atributo exclusivamente humano da *experiência* e, a partir dele, o homem se empenharia na “constante revisão de sua obra”. Contudo, esse atributo humano não se refere apenas à capacidade individual de atribuir significado a uma ou várias *experiências* particulares, mas também, e principalmente, diz respeito à *experiência humana* em geral, isto é, à “acumulação muitas vezes seculares de tudo o que o homem sofreu, conheceu e amou”. Nesse sentido, além de ser uma “fase” da natureza ou uma adaptação (identificação) com ela, presente no processo de conhecimento, a *experiência humana* também seria produto e produtora da cultura acumulada historicamente pelas diferentes civilizações e pela humanidade. Desse modo se obteria o “material e a direção de nossas experiências atuais”, já que, se assim não fosse, a cada geração, o homem voltaria aos níveis elementares de vida: “níveis que nenhuma vida selvagem pode fazer imaginar”.

É nesse ponto que o conceito de experiência se vincularia a educação, no pensamento de Dewey. O conceito deweyano de *experiência*, segundo o autor brasileiro, assemelha-se ao “aprender por experiência”, da linguagem popular à própria vida. Assim sendo, a *experiência educativa* para Dewey não seria outra coisa senão “a experiência inteligente em que participa o pensamento, através do qual se vem a perceber relações e continuidades antes não percebidas”. Caberia à *experiência*, então, enriquecer o espírito por intermédio

de um processo de aquisição de novos conhecimentos ou, pelo menos, de conhecimentos mais abrangentes, a partir dos quais se conferiria uma “significação mais profunda à vida” e se promoveria uma “vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela”. Sendo assim, a educação seria definida por Dewey, em seu sentido amplo, “como o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (TEIXEIRA, 1980, p. 116).

De acordo com Teixeira (1980, p. 117-8), a reconstrução e a reorganização da *experiência*, de modo semelhante à vida, teria os fins (ou resultados) da educação identificados com os meios (ou processos), justamente para caracterizar a sua constante continuidade. A direção das *experiências* futuras não significaria nem o “desdobramento natural das forças latentes”, nem uma “formação pela aplicação de forças e influências externas”, mas sim redireção das experiências do passado, no sentido de corrigir, ajustar, ordenar a *experiência educativa*, tendo em conta a função social da educação e o interesse individual. A educação, dessa forma, teria conseguido habilitar as crianças para a vida social, durante muito tempo em nossa história, sem a necessidade propriamente da escola ou da educação formal. No entanto, numa civilização complexa como a nossa, a educação não poderia ficar ao livre jogo da vida social e submetida a seus acidentes, assumindo a escola a responsabilidade, através de um mecanismo especializado e sistemático, de “fornecer aquilo que a vida, diretamente, não pode ministrar”. Isso não quer dizer que, antes que assumir essa tarefa substitutiva da vida social, a escola deveria impor “deveres insípidos e contraproducentes”, tornando-se um fim em si mesma, enclausurada em seus muros e transmitindo uma cultura inútil à vida dos alunos. Nessa crítica à “escola tradicional”, conforme Anísio Teixeira (1980, p.119), residiria “um dos grandes méritos da teoria da educação de Dewey”, qual seja,

[...] o de restaurar o equilíbrio entre a educação tácita e não formal recebida diretamente da vida, e a educação direta e expressa das escolas, integrando aprendizagem obtida através de um exercício específico a isto destinado (*escola*), com a aprendizagem diretamente absorvida nas experiências sociais.

Esta é a interpretação de Anísio Teixeira sobre a filosofia de John Dewey, tomada nesse esboço à luz dos textos didáticos do filósofo americano, mas também de sua obra *Democracia e Educação*, o que faz com que o autor brasileiro a tome como um dos pilares do pensamento deweyano: *pela noção de experiência*. Na interpretação de Anísio Teixeira, a teoria da educação de Dewey não seria simplesmente uma crítica à “organização didática” da “escola tradicional”, mas uma crítica filosófica às idéias e às doutrinas pedagógicas, que se assentaram nas teorias da educação convencionais, assim como a formulação de uma filosofia da educação, a partir do conceito de *experiência* e de seu vínculo com a educação. Dessa filosofia da educação extraiu as diretrizes para a organização escolar e, principalmente, para a prática pedagógica

postuladas por Dewey e apresentadas como uma das alternativas no interior do movimento pela *Escola Nova*, desenvolvido no Brasil.

Todavia, nesse momento, Anísio Teixeira pensa nessas diretrizes e critérios racionais a orientar a prática pedagógica como algo que auxiliaria a tornar as experiências das crianças cada vez mais cognitivas e racionais, pela aquisição do método das ciências experimentais e pelo respeito ao desenvolvimento psicológico do indivíduo, baseado numa psicologia comportamental e numa epistemologia extraída da filosofia de Dewey, desconsiderando parcialmente outros aspectos que envolvem a experiência humana, como o seu caráter moral e político. São justamente esses aspectos que ele passa a considerar, ao tratar da experiência e da educação, no livro *Educação Progressiva*, publicado em 1934. É aqui que se supõe uma possibilidade da literatura infantil de Lobato e do sentido estético que pressupõe ter motivado uma reconsideração sobre essas noções, estabelecendo um maior ponto de contato entre aquela com a filosofia da educação de Anísio Teixeira.

Para Anísio Teixeira (1930), o “ato de aprender depende profundamente de uma *situação real de experiência* na qual se possa praticar, tal qual na vida, as reações que se deve aprender e, não menos profundamente, do *propósito* em que estiver o aluno de aprender essa ou aquela coisa”. Isso porque não se aprenderiam apenas idéias ou fatos, como também atitudes e apreciações, pois, mais do que praticar com a criança a fim de que ela aprenda um conteúdo ou matéria escolar qualquer, é preciso que a escola tenha condições sociais reais para que se desenvolva, além de possibilitar exercícios de sentimentos ou de valores, tais como os de bondade e a prática da tolerância, pelos alunos.

É possível citar alguns exemplos dessa situação real de experiência, a que se refere Anísio Teixeira, em alguns livros da obra lobatiana. Um deles é *Emília no país da gramática* (1971), no qual Dona Benta se propõe ensinar gramática a Pedrinho. A avó consegue despertar o interesse do menino pela gramática, fazendo com que ele a veja como “brincadeira”, mas Pedrinho realmente começa a vivenciar aquela experiência, quando recebe um convite especial de Emília:

Emília habituou-se a vir assistir as lições, e ali ficava a piscar, distraída, como quem anda com uma grande idéia na cabeça.

É que realmente andava com uma grande idéia na cabeça.

- Pedrinho - disse ela um dia depois de terminada a lição – por que, em vez de estarmos a ouvir falar de gramática, não havemos de ir passear no país da gramática? (LOBATO, 1971, p.7).

Apesar do convite absurdo, era possível na ficção maravilhosa do autor, que sabia disseminar ensinamentos em aventuras, levando a turma do Sítio ao país da gramática, para aprender conversando com as palavras, ouvindo suas histórias, conhecendo suas peculiaridades, observando as normas que regem a língua, bem próximo daquilo que Anísio Teixeira reconhece como uma situação real de experiência. Desse modo, a literatura infantil de Lobato não apenas seria

bem-vinda, na concepção desse reformador da educação, como também traria uma nova função para o livro na escola, rompendo com a idéia de livro-texto e, portanto, servindo de recurso didático ao professor, sendo totalmente integrada ao ideário pedagógico escolanovista.

Em uma carta endereçada ao amigo Anísio Teixeira, Lobato expressa claramente o seu entusiasmo pela educação e pelo ideário escolanovista. Como se pode verificar na carta, encontrada em Viana & Fraiz (1986, p. 69):

Vou ler o teu livro como nunca li nenhum. Degustando, penetrando, deslumbrando-me em ver expressa nele idéias que me vieram por gestação, intuitivamente. E depois te escreverei. Meu petróleo está uma pura maravilha. A vitória está assegurada, e a não ser que me veja espoliado por leis do Juarez, nacionalizadoras do petróleo e que tais, que venham matar o surto da futura indústria e privar do que com ela eu possa vir a ganhar, terei meios de realizar várias grandes coisas que me fervem na cabeça. Uma delas diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora de governo, de religião, de tudo quanto restringe e peia. Um gânglio que vá se irradiando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens – educador no mais elevado sentido. Com essas escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio própria, com estação tele-emissora de imagens... Qualquer coisa como a *Radio City do Rockefeller*, mas educativa. O governo que ensine ao povo o que quiser; a religião também. Nós, do alto de nossa *education – city*, servida por todas as máquinas existentes e as que hão de vir, pairaremos sobre o país qual uma nuvem de luz. Um corpo de cérebros, dirigido por você. Prepara: a máquina multiplicadora, dissemina. Iremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado – essa besta do apocalipse – não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores. A nossa educação cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber a onde os flocos irão pousar.

Percebe-se, ainda, esse entusiasmo nos próprios livros de Lobato:

Dona Benta com aquela paciência de santa estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho resingou:

“Maçada, vovó. Basta que eu tenha que lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são só para brinquedo. Não, não e não..”

“Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá para você mesmo, quando as aulas reabrirem. Um bocadinho, só vamos! Meia hora por dia sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos”.

Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir as explicações de gramática.

“Ah, assim, sim! - dizia ele- Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios[...].” (LOBATO, 1971, p. 7)

Porém, não só conteúdos de português, matemática etc. estão contemplados em alguns livros de Lobato, mas também a filosofia. No livro *Memórias da Emília* (1972), através da personagem Emília, o autor faz algumas reflexões sobre a vida, sobre a filosofia e sobre as injustiças do mundo. São reflexões feitas à luz do pragmatismo deweyano, ou seja, uma filosofia pragmática que procura superar os problemas da vida social na e para a própria vida, instigando uma outra maneira de pensar em seus leitores, que se ajuste às mudanças ocorridas na civilização atual.

Num trecho do livro *Memórias de Emília* (1972,) é possível perceber como a personagem Emília encara esses problemas, de uma maneira meio atrapalhada, mas propondo soluções e questionando o critério de verdade a ela estabelecida:

Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.

Bem sei – disse a boneca – Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir para dar idéia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se por uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas.

Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: “O que é verdade?”, ele que era Cristo achou melhor calar-se. Não deu resposta.

Pois eu sei! – gritou Emília - verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia, só isso.

Dona Benta calou-se, a refletir aquela definição. (LOBATO, 1972, p. 7-8)

O que Emília transmite nessa passagem é que não existe uma verdade estabelecida, e sim a busca contínua por essa verdade, instigada pelo desenvolvimento da própria vida e de sua dinâmica interna. Em outro trecho do mesmo livro, essa personagem de Lobato define o que é a vida, metaforicamente, em termos bastante próximos àqueles que embasam a filosofia da educação de Anísio Teixeira.

E como sou filósofa. - continuou Emília – quero que minhas memórias comecem com minha filosofia de vida.

Cuidado, marquesa! Mil sábios já tentaram explicar a vida e se estrepam.

Pois eu não me estreparei. A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. Quem para de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos. Viver é isso. É um dorme - e - acorda, dorme – e – acorda, até que dorme e não acorda mais. É, portanto, um pisca-pisca.

O Visconde ficou novamente pensativo, de olhos no teto.

Emília riu-se.

Está vendo como é filosófica a minha idéia? O senhor Visconde já está de olhos parados, erguidos para o forro. Quer dizer que pensa que entendeu... A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscado é um dia. Pisca e mama, pisca e anda, pisca e brinca, pisca e estuda; pisca e ama, pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos, por fim pisca pela última vez e morre.

E depois que morre? Perguntou o Visconde.

Depois que morre vira hipótese. É ou não é?

O Visconde teve que concordar que era. (LOBATO, 1972, p. 11)

Essa metáfora do pisca-pisca remete seus leitores-mirins ao curso biológico da vida, o desenvolvimento, o crescimento e morte, representando uma renúncia do pensamento filosófico em considerar a vida para além do mundo humano ou qualquer filosofia transcendente, ou mesmo de promover uma separação entre esta e a cultura. Ao contrário, esse desenvolvimento biológico em que consiste a vida parece ser visto em continuidade com a própria cultura, afinal, esse crescimento do indivíduo não se dá apenas em termos maturacionais, como também em termos intelectuais e, de certo modo, morais, embora estes estejam assentados em bases naturalistas. Aliás, são essas mesmas bases que caracterizam a filosofia de Anísio Teixeira e que parecem ser endossadas aqui com Lobato, no mesmo sentido, qual seja, o de questionar e, se possível, romper com uma tradição que pressupõe o desenvolvimento do espírito como essencial a toda filosofia e educação, sendo necessário que, para tal, ocorra uma renúncia da própria vida, do prazer e da felicidade possíveis de serem desfrutadas pelo homem na terra, assumindo os sacrifícios, a miséria e a dor como necessárias para alcançar a plena felicidade após a morte e a vida eterna. É contra essa tradição, presente no pensamento filosófico e educacional católico, na década de 1930, que ambos se insurgem, querendo livrar o país do atraso e modernizá-lo por intermédio da difusão de uma outra cultura e de uma outra educação, talvez tão pragmática quanto aquela pensada por John Dewey.

Do mesmo modo que Anísio Teixeira, Lobato parece acreditar que a experiência propiciada pelos seus livros ao público infantil pode alargar a experiência das crianças e dos jovens, introduzindo-os ao mundo espiritual e à cultura, com o intuito de formarem suas próprias concepções a respeito da vida e refletirem sobre as suas vicissitudes, inclusive o seu outro, que é a morte. Isto, sem deixar de considerar a capacidade cognitiva e o desenvolvimento psicológico de seu público. Nesse sentido, a continuidade entre natureza e cultura que representa a vida seria compreendida como esse alargamento da experiência formativa que requer a concepção de educação de Anísio Teixeira. Em tal concepção de educação, o aprender a conhecer e o aprender a pensar estariam intrinsecamente associados a essa formação cultural das crianças e dos jovens, que os levaria a tornar-se “pequeninos Sócrates”, tal como Emília, a boneca de pano, aprendendo a refletir sobre os problemas que lhes são colocados.

Assim, a trajetória de Monteiro Lobato, nos vários projetos e campanhas que desenvolveu, faz coincidir sua história pessoal e profissional, sobretudo a trajetória literária, com a história educacional do país. Sabendo-se que sua obra, embora aparentemente desprezível, constitui-se num material rico de informações, em que perpassa um projeto (educacional) maior do que a pura e simples finalidade estética, ou seja, a criação de uma mentalidade aberta à composição de fragmentos que permitem, ainda hoje, pensar o mundo composto por diversos caminhos, distantes das ideologias excludentes que aceitam a validade de apenas um.

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E TEORIA MORAL

No livro *Educação Progressiva*, Anísio Teixeira esboça uma “nova” moral, que serviria de fundamento à sua expectativa política e à sua doutrina pedagógica, inspirada também na filosofia de John Dewey. Ele compreende a moral a partir daquilo que denomina de a “concepção mais experimental de nossos dias”, apostando numa natureza humana mutável, condicionada às mudanças na ordem social e à capacidade do homem conduzir, sabiamente, essas mudanças para a sua felicidade ou infelicidade. Contrapondo-se à tese de que a atividade humana só ocorreria pelo reconhecimento de um imperativo e como um meio para alcançar um fim transcendental, como postulou a moral tradicional, o educador brasileiro considera que os próprios impulsos e desejos humanos são o móvel dessa atividade e, enquanto tal, ela possui um fim em si mesma: a própria vida, entendida como o próprio viver ou de “exercer atividades significativas para si próprio”. Por fim, defende que a moral, para ser eficiente e progressiva, deve assentar-se na experiência humana, como qualquer outra ciência.

Nesse trabalho que caracteriza todo esforço humano, segundo Anísio Teixeira, a vida seria “boa ou má conforme a vontade humana”. A vida seria boa, se a atividade fosse agradável e satisfatória, em si e por si mesma; não o seria, se fosse apenas uma preparação para o futuro ou para uma expectativa de felicidade a ser alcançada no futuro. Para ele, o presente deveria ser vivido e só nele poderíamos governar a nossa vida, pois o futuro seria imprevisível. No mundo em movimento e em transformação, como o nosso, ele afirma que “a atividade é sempre uma aventura no desconhecido” e os que esperam um mundo seguro e certo, para serem felizes, terão frustradas as suas esperanças. Com isso, defende que o homem deveria abandonar o seu “hábito de segurança e de certeza”, substituindo-o pelo “sentido dinâmico da nova ordem em que vive” e ficando à altura de suas “próprias criações”. À luz dessa nova realidade, para ele, deveriam ser revistos os princípios que regulam a conduta humana, fundando a moral no mesmo experimentalismo que garantiu o progresso das demais ciências e na busca constante em conferir sentido e significação à atividade, sem desprezar os novos conhecimentos, mas os utilizando inteligentemente, a fim de reconhecer os limites da compreensão da natureza e os laços com os demais homens.

Pode-se dizer que não apenas as ciências entram nesse processo de reconstrução dos valores morais, por intermédio do experimentalismo, como também a própria literatura e, com ela, a literatura infantil. Tanto quanto a ciência, a literatura infantil pode auxiliar na revisão dos valores que orientam a vida, na mobilização das forças e da emoção estética necessárias para reorientar a conduta humana. O conteúdo implícito da literatura infantil mobiliza essas forças e essa emoção em torno não apenas da imaginação produtiva, necessária ao desenvolvimento da ciência, como também de uma reconstrução dos valores morais existentes, por meio de uma moral tão provisória quanto as concepções que envolvem a vida humana e através da reconstrução das formas de vida social que envolvem a democracia. Além disso, ela pode auxiliar também as crianças a serem convidadas para uma aventura e para o jogo que parecem enredar a própria vida, implementando desde a infância uma atitude filosófica em relação à vida, que se desenvolve em todo o seu curso. Sob esses aspectos, há uma consonância entre a literatura infantil de Lobato e a filosofia da educação de Anísio Teixeira, pois ambas parecem tentar propiciar uma mesma experiência estética e despertar no infante uma semelhante atitude filosófica diante da vida, que pressupõe não apenas a curiosidade científica, mas um modo próprio de levar em conta a vida e de pensá-la, com o intuito de definir os valores que orientam a conduta humana.

Tal atitude poderia ser um meio de conferir à conduta humana um “largo, integrado e harmonioso” ponto de vista, nem por isso considerado como superior ou absoluto, mas que tomasse a vida como ponto de partida e ponto de chegada, sem justificá-la em qualquer crença metafísica.

Deve-se partir para a vida como para uma aventura. Se se tivesse de aconselhar uma atitude única, aconselharíamos a atitude esportiva. Cada um dos momentos da vida é um jogo com o futuro. Quanto mais armado para a luta, melhor. Vitória e derrota, todas têm, porém, a sua parte de prazer. Mais do que isso. O verdadeiro prazer está na luta. Se bem sucedida, a luta de amanhã será mais interessante. Se a sorte não for favorável, a experiência valeu os momentos vividos, ensinou coisas novas e a expectativa de melhor êxito estará sempre acesa no coração dos homens. O insucesso não os abate, porque contam com ele entre as possibilidades esperadas. Se não existisse, as vitórias perderiam o melhor do seu sabor. (TEIXEIRA, 2000, p. 151)

Parece ser essa concepção de vida que permeia também a literatura infantil lobatiana, com o intuito de instigar em seus leitores um aprendizado do pensar sobre os problemas que emergem do cotidiano e da experiência infantil, atribuindo a eles um sentido que, muitas vezes, reformula os significados atribuídos aos valores adquiridos anteriormente e lhes oferece uma visão prospectiva acerca do futuro, expressando-a numa narrativa literária leve, mas não superficial. Certamente, esse sentido envolve a aquisição de uma linguagem comum, de valores morais, estéticos e políticos que regem a conduta das gerações adultas, mas também supõem a revisão dessa linguagem e desses valores, motivados pela experiência e pela reflexão constante sobre ela, mediadas pelo

equilíbrio tácito estabelecido entre a emoção estética e a inteligência. O julgamento desses novos valores seria feito pelos próprios leitores dessa literatura infantil, considerando que eles dependem de um confronto com a convenção social estabelecida e, quem sabe, do convencimento dos outros grupos que vivem numa mesma sociedade.

Em um pequeno ensaio, chamado “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, Azevedo (1958) afirma que a literatura “espelha não só o espírito de uma época, mas o pensamento, as atitudes e as tendências de uma classe social”(p.53); ora, quem escreve as histórias para crianças são intelectuais provenientes de uma determinada classe social e que acabam transmitindo, em suas histórias, suas concepções de vida e seus valores morais. Com todas as mudanças que se operaram, tanto no sistema educacional, como na política, na economia e na sociedade, transformou-se também o “público” da literatura infantil que, nesse momento, é heterogêneo, ou seja, crianças criadas no campo, criadas na cidade, crianças cuja composição familiar já não é aquela tradicional (pai, mãe, filhos), e sim crianças criadas pelos avós, pelos tios, com pais divorciados etc. Com isso, os livros sofrem um processo de diversificação, em que se publicam obras para crianças de idades e níveis mentais diferentes. E é na literatura lobatiana que se percebe como esses processos se intensificam, visto que seus livros são repletos de idéias então revolucionárias sobre política (*Reforma da Natureza*), economia (*O poço do visconde*), história (*História do mundo para crianças*), e temas tão atuais, como a constituição da família (a boneca Emília era divorciada) e a igualdade da mulher (o Sítio é um matriarcado, sob a direção da erudita e competente Dona Benta).

As novas formas de organização social e de cultura correspondem novas classes de assuntos e de técnicas e transformações, mais ou menos profundas, de pensamento e orientação. Cada época na literatura, como nas demais artes, apresenta, por isso, uma paisagem de aspectos os mais diversos, em que coexistem, ao lado de novas formas literárias, a expansão ou declínio de gêneros antigos, a renovação de outros, bem como sobrevivências de épocas já inteiramente ultrapassadas (AZEVEDO, 1952, p.45).

Desse modo, Fernando de Azevedo destaca não apenas a importância da utilização da literatura infantil lobatiana como recurso didático, como também do fato dessa obra, no campo literário, representar um espírito de mudanças sociais, semelhante àquele defendido pelo movimento de renovação educacional no Brasil, expresso nas idéias de Anísio Teixeira, rompendo com uma situação literária conservadora.

No contexto histórico em que a filosofia da educação de Anísio Teixeira e a literatura infantil de Monteiro Lobato foram produzidas, percebe-se uma preocupação de formar o homem capaz de resolver os problemas de seu tempo, por intermédio do pensar filosófico, do conhecimento científico e da arte, constituindo os valores a reorientar a conduta humana. Talvez essa preocupação ainda seja válida para os dias atuais, sobretudo, a preocupação com uma pedagogia e com conteúdos de ensino que levem os alunos a aprender a pensar

não apenas logicamente, como também por meio da capacidade de atribuir significado à experiência, que não é só cognitiva e racional: é também estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa das histórias contadas nos livros de Lobato possui uma característica própria, muitas vezes, apresentando problemas de ordem moral e política, por intermédio de seus personagens, antes que desejando apresentar soluções ou assumir um tom moralista ou doutrinário. As histórias infantis e a narrativa presente nos livros de Lobato parecem almejar esse objetivo, a começar pelas gerações mais jovens, das quais dependem o futuro próximo e o desenvolvimento das formas de vida social futuras.

O mesmo pode-se dizer da filosofia da educação de Anísio Teixeira, que não é apenas o fundamento de uma nova pedagogia a ser aplicada no âmbito da escola, mas é algo a permeá-la e a fazer com que, no limite, as crianças e os jovens, por meio da educação progressiva, sejam levados a pensar sobre os problemas de seu tempo. Não é à toa que Anísio Teixeira (2000, p. 117) concebe a educação progressiva como aquela que seria responsável pela formação de “pequeninos Sócrates”. Nem é injustificado o fato de afirmar ser herdeiro da tradição filosófica inaugurada por Sócrates, compreendendo a sua própria filosofia como educação. Afinal, diz ele: “Se a filosofia é a indagação da atitude que devemos tomar diante das incertezas e conflitos da vida, filosofia é, como queriam os antigos, a mestra da vida” (p. 169). Educação e filosofia teriam, assim, um mesmo sentido, podendo ser considerada uma educação para o filosofar ou, então, uma filosofia da educação.

Discordando das dualidades em que se baseou a metafísica depois de Platão, do critério de verdade e do estabelecimento de valores morais absolutos, além do abstracionismo em que formula idéias e conceitos, sem uma vinculação com a realidade e com a vida social, Anísio Teixeira procura rever essa tradição à luz do pragmatismo de John Dewey. Tal revisão tem o intuito de dissolver essas dualidades metafísicas pela noção de experiência, de sua redescritção e reformulação pelo homem, conferindo a ela um significado ou interpretação que a tornam útil à vida, assim como conferem maior flexibilidade aos valores morais que a orientam e que exigem o processo de transformação contínua da civilização contemporânea.

Algo semelhante parece ocorrer com a literatura infantil de Lobato, quando ela descarta o tom moralizante e doutrinador das obras que a precederam e busca um estilo e um modo próprio de narrar as histórias para o público infantil, promovendo uma experiência com o pensar, como também com a imaginação produtiva e com o sentido estético da vida supra-referida entre os seus leitores. É bastante provável que essa experiência possa, muitas vezes, ser mais profunda do que aquela pensada pela teoria pedagógica e pela filosofia da educação anisiana, afetando os aspectos subjetivos dos leitores, envolvidos

na leitura dos livros de Lobato, mobilizando suas emoções e formando o gosto. Mas, talvez, a noção de experiência pressuposta por essa teoria e filosofia da educação também envolva esse sentido estético, para além do pretendido por Dewey ou segundo uma interpretação do pensamento do filósofo norte-americano que o leve em conta, desenvolvida por Anísio Teixeira, em função de também ser, à época, leitor da literatura infantil de Lobato.

O que importa saber, porém, é que tanto a filosofia da educação de Anísio Teixeira quanto a literatura infantil de Lobato se aproximam, nesse momento histórico, por pensarem uma educação para o filosofar e não apenas levando em conta os aspectos lógicos, como também os valores morais e políticos que envolvem esse pensamento. Ambos talvez vissem nisso uma forma de modernizar a sociedade brasileira em termos materiais e em termos espirituais, além de perspectivarem uma forma de vida social que fosse democrática, traduzida, respectivamente, na filosofia da educação anisiana e na literatura infantil lobatiana, ocorrendo aí seu principal ponto de concordância.

NUNES, L. A. Anísio Teixeira reader's Lobato: implications of the aesthetic experience of infantile literature for a philosophy of the education. *Educação em Revista* (Marília), n. 5, p. 35-48, 2004.

ABSTRACT: this article makes a comparative study between the philosophy of the education of Anísio Teixeira, and lobatiana infantile literature and detaching the concept of experience inlaid in ambers. A philosophy for child suggests an alternative field of if making philosophy, in which if it privileges the philosophical boarding that backwards the child as inquiry nucleus, searching to analyze the possibilities, the limits, and the reach of philosophical knowing in this particular phase of the experience human being. It was evidenced that some books of Lobato seem to supply this experience with the infance, in the measure where they take its readers to think the present time, with all the changes that characterizes it, as well as the decurrent problems of it, taking them it a learning of filosofy.

KEYWORDS: infantile literature, philosophy of the education, experience.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia*. V. 14, N. 1, p. 43-63, mar. 1952.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Emília no país da gramática*. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

_____. *Memórias da Emília*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

NUNES, Cassiano. Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil. In:

NUNES, L. A.

MONARCHA, Carlos (Org). *Anísio Teixeira: a obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A , 2001, p. 225-254.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de John Dewey (esboço da teoria de John Dewey). In: *Os Pensadores: Dewey*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Pequena introdução a filosofia da educação: educação progressiva ou a transformação da escola*. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.